

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12
Número 2
Dezembro 2023

JÓ: UMA ABORDAGEM PARA A PASTORAL

JOB: AN APPROACH TO PASTORAL

Me. Lucas Merlo Nascimento¹

RESUMO

Lidar com situações de sofrimento humano é tarefa cotidiana na atuação pastoral e de cuidado. No livro de Jó o sofrimento humano ocupa papel importante. O artigo aborda o livro de Jó em perspectiva literário-teológica destacando as relações entre as personagens humanas, especificamente entre Elifaz, Bildade, Zofar, Eliú e Jó (Jó 3-37), objetivando propor ações e caminhos pastorais diante do sofrimento. Nesta direção, destacam-se o reconhecimento do limite da teologia implícita do cuidador, deixar falar e ouvir aquele que sofre e fazer-se presente como posturas de cuidado pastoral. Neste contexto, as relações de cuidado são acompanhadas, também, pelos seguintes riscos: colocar-se como defensor de Deus, oferecer respostas mecanicistas e gerar um afastamento na relação de cuidado.

Palavras-chave: Jó. Sofrimento humano. Interpretação pastoral.

ABSTRACT

Human suffering is a daily task in pastoral and care work and plays an important role in the book of Job. The article approaches the book of Job from a literary-theological perspective, highlighting the relationships between human characters, specifically between Eliphaz, Bildad, Zophar, Elihu and Job (Job 3-37). Proposes actions and pastoral paths in the face of suffering. In this direction, the recognition of the limit of the implicit theology of the caregiver stands out, allowing the person who suffers to speak and listen and being present as postures of pastoral care. In this context, care relationships are also accompanied by the following risks: placing oneself as a defender of God, offering mechanistic responses and generating a distancing in the care relationship.

¹ Doutorando em Teologia (PUC-PR), Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Professor da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Contato: merlo.lucas@hotmail.com

Keywords: Job. Human suffering. Pastoral interpretation.

INTRODUÇÃO

Em conversas cotidianas, ao abrir um site de notícias ou assistir qualquer jornal televisivo há um sem-número de situações em que o sofrimento humano se faz presente. O sofrimento possui diversas dimensões. Pode ser individual, intrapessoal ou coletivo, psíquico ou físico, e é subjetivado de formas diferentes. O sofrimento atravessa a existência humana, marcando e mudando trajetórias de vida. Na atividade de cuidado pastoral, seja ele desempenhado por pastores e pastoras que se dedicam exclusivamente ou por pessoas cuja atividade de cuidado atravessa o cotidiano, lidar com o sofrimento alheio é sempre desafiador. Os agentes religiosos de pastoral² são frequentemente questionados e desafiados a dar respostas teológicas ao sofrimento. Em algumas situações, são colocados entre a tradição teológica e o sujeito real que sofre. Neste contexto, que caminhos pastorais podem ser trilhados a fim de que o processo de cuidado e as respostas ao sofrimento não sejam mais um causador deste? Essa delicada pergunta subjaz diversas experiências pastorais em que o agente religioso se vê confrontado por situações e sofrimentos reais para as quais sua tradição teológica oferece uma resposta inadequada. Neste caso, o agente religioso é forçado a colocar-se ao lado de quem sofre ou defender a tradição teológica contra o sofredor. No primeiro caso, sente-se traidor de sua teologia. No segundo, opera aumentando o sofrimento.

A tradição de sabedoria da literatura bíblica é formada pelo conjunto de livros que lidam com a situação concreta e experiências diversas do existir. Sua função não é dar respostas prontas, mas provocar a reflexão. Um olhar para tal tradição pode iluminar as relações de cuidado e oferecer alguns caminhos e ações pastorais. Para o assunto do sofrimento, dentre os livros de sabedoria, o livro de Jó é privilegiado uma vez que o tem como um de seus temas, articulado a partir da realidade e tradição religiosa.³ O livro de Jó é fruto do que se pode chamar de “crise da sabedoria” ou “sabedoria crítica”, exatamente por problematizar o funcionamento de uma teologia a partir dos desafios do sofrimento e existência humana.⁴

Com o auxílio de uma abordagem literário-teológica, o livro de Jó pode abrir caminhos para a reflexão pastoral. Objetiva-se refletir e propor caminhos pastorais diante do sofrimento humano a partir da análise do livro de Jó. Especificamente questiona-se como um conjunto de conceitos teológicos estabelecidos e não mediados pela realidade podem, em situações de sofrimento, ser usados com boas intenções, mas com resultados maléficos. Isso porque um sistema de pensamento teológico, quando estabelecido e consolidado, pode não possuir elasticidade suficiente para novas demandas, oferecendo outras explicações que não as previamente estabelecidas e, com isso, favorece o aumento do sofrimento humano. O escopo da análise do livro de Jó recai sobre a relação entre as personagens humanas e as respostas que oferecem ao seu sofrimento. Não se quer, com isso, propor uma análise histórica do livro, mas tomá-lo em sua forma final enquanto literatura e, a partir dele, refletir sobre a questão posta.⁵

² Usa-se a expressão “agentes religiosos de pastoral” para identificar não apenas pastores e pastoras enquanto indivíduos cuja atividade pastoral é também sua profissão, mas para identificar pessoas que atuam no cuidado em contexto religioso, sejam esses especialistas ou “leigos”.

³ “A questão do sofrimento imerecido vai ser posta, e de modo radical, pelo autor do livro de Jó...” (VV. AA. **As raízes da sabedoria**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 71).

⁴ Sobre Jó como crise da sabedoria, ver GUNNEWEG, Antonius. **Teologia Bíblica do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola e Teológica, 2005, p. 333-336; FESTORAZZI, Franco. Jó e Coélet: crise da sabedoria. In.: FABRIS, Rinaldo (org). **Problemas e perspectivas das ciências bíblicas**. São Paulo: Loyola, 1993.

⁵ É proposta uma análise literário-teológica devido à finalidade e escopo do artigo. Não se ignoram, porém, as discussões sobre a história de composição do livro, em especial a relação entre a parte narrativa (1-2+42) e poética (3-41), e a possível posteridade do poema à sabedoria (28) e as falas de Eliú (32-37). As discussões podem ser encontradas nas obras indicadas na Bibliografia.

1. CHAVES DE LEITURA

O livro de Jó tem o tema do sofrimento como uma de suas discussões centrais: a nível narrativo, Jó é apresentado como um justo que, apesar de sua justiça e integridade (1.1-22; 2.3-10b), sofre profundas perdas (bens, família, saúde – Jó 1-2), gerando sofrimento, a ponto de desejar não ter nascido: “Pereça o dia que me viu nascer...” (3.3). Desse nível narrativo advém a crítica do pensamento sapiencial estabelecido – o sofrimento humano é fruto de seu pecado - chamado também de “justiça retributiva”: “os males que Jó padece não se podem explicar senão como castigo de pecados graves”.⁶ Em nível narrativo o pensamento estabelecido é representado na fala e postura dos amigos de Jó. Assim, torna-se possível a reflexão acerca de como pensamentos teológicos estabelecidos pode gerar maior sofrimento, ainda que se proponha a ser uma resposta plausível, desde seus próprios critérios.

Um olhar sobre a forma do livro contribui para sua compreensão literária. O livro possui uma abertura (1-2) e um fechamento narrativos (42). No centro, estão os diálogos de Jó com seus amigos, Elifaz, Bildade e Zofar (3-27), seguidos de um poema que manifesta a inacessibilidade da sabedoria (28), o último discurso de Jó (29-31), a intervenção do jovem Elihu (32-37) e os derradeiros discursos divinos (38-41). A parte central, dos diálogos e discursos é, essencialmente, poética.⁷

O próprio livro apresenta explicações ao leitor quanto ao sofrimento de Jó: nos capítulos iniciais o leitor fica sabendo que Deus e o adversário (*satan*, em hebraico) estão testando a fidelidade de Jó (1.6-12; 2.1-7). Do ponto de vista do leitor esse dado pode ser reconfortante e até mesmo explicativo para o sofrimento, porém há de se compreender o cenário da narrativa: toda a cena do diálogo entre Deus e o adversário ocorrem num ambiente diferente, divino, no qual “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles” (Jó 1.6; 2.1).⁸ Do ponto de vista de quem sofre – de Jó – nenhuma explicação é oferecida e ele nunca tem o privilégio do leitor de saber o que acontece na presença de Deus. Pobre Jó!⁹

O livro, portanto, apresenta ações em dois ambientes diferentes: em primeiro lugar está o céu, lugar das decisões divinas, do desafio de Deus ao adversário, ambiente interdito a Jó e à realidade humana. O segundo ambiente, a terra, é palco das desventuras humanas, da dura realidade da sobrevivência e dos relacionamentos. É só ao final do livro, nos discursos divinos, que o céu se abrirá à terra, ainda assim, apenas para reafirmar o já apresentado – o que ocorre no céu é interdito ao homem.

É no âmbito da experiência humana, e não na cena celestial, que o problema do sofrimento é tratado no livro e os amigos de Jó são os responsáveis por apresentar algum tipo de resposta ao sofrimento. Uma vez que neste artigo o interesse recai sobre as ações de cuidado, e que na narrativa de Jó nem ele nem seus amigos sabiam do que se passara na cena celestial, a reflexão sobre a pastoral analisa especificamente a realidade humana do livro, isto é, Jó, enquanto representante da pessoa que sofre, e seus amigos, como representantes de cuidadores (Jó 3-27+32-37). O objetivo “pastoral” dos amigos de Jó fica claro no início da narrativa: foram encontrar-se com Jó para consolar-lhe (Jó 2.11-13).¹⁰ Nos diálogos entre Jó e seus amigos Deus está presente apenas indiretamente, no nível do discurso, enquanto representado nas falas dos personagens humanos. Assim, as falas sobre Deus são articulações teológicas diante da realidade do sofrimento. Deus é, pois, tematizado no cotidiano humano e pastoral.

Na relação entre Jó e seus amigos, há de se notar que os amigos de Jó não são retratados como

⁶ **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 801.

⁷ Para uma introdução ao livro de Jó, ver ROSSI, Luiz Alexandre Solano; NASCIMENTO, Lucas Merlo (orgs.). **O livro de Jó: leituras e reflexões**. São Paulo: Recriar, 2021, p. 7-22.

⁸ As citações bíblicas são feitas a partir da Almeida Revista e Atualizada (ARA).

⁹ Mesmo no trecho narrativo que conclui o livro (42,7-17) nada se diz sobre o adversário e o teste que, junto com Deus, impôs a Jó.

¹⁰ “Sua compaixão haverá de confortá-lo, e o seu consolo o fará respirar” (HEINEM, Karl. **O Deus indisponível**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 17).

peças que estão *contra* Jó. A amizade deles não é posta em dúvida, uma vez que permanecem com Jó em seu sofrimento:

Ouvindo, pois, três amigos de Jó todo este mal que lhe sobreviera, chegaram, cada um do seu lugar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita; e combinaram ir juntamente condoer-se dele e consolá-lo. 12Levantando eles de longe os olhos e não o reconhecendo, ergueram a voz e choraram; e cada um, rasgando o seu manto, lançava pó ao ar sobre a cabeça. 13Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era muito grande (Jó 2.11-13).

Seus amigos estão lá para consolá-lo. Poder-se-ia dizer que estão lá como pastores, para fins de cuidado. Não é no nível do compromisso dos amigos que a questão do sofrimento é posta, mas na resposta que oferecem ao mesmo. Para uma boa compreensão da dinâmica literária do livro, deve-se fugir da ideia de que os amigos não eram legítimos. Elifaz, Bildade, Zofar e, por último, Eliú são personagens cujo discurso representa a teologia da época, a ortodoxia de seu contexto. Cada qual responde a Jó de “lugares teológicos” consolidados e estabelecidos. Uma revelação (4.12-21)¹¹, a tradição ancestral (8.8-10)¹² e a sabedoria divina (11.5-12)¹³ eram pontos de partida para a reflexão teológica de cada um deles.¹⁴ Em suas lógicas teológicas, para eles o sofrimento poderia funcionar como castigo divino (Jó 4.7-11; 8.2-7+8-20; 33.14-18; 34.11-12) ou correção divina (Jó 5.17; 33.14-33; 36.9-12.17), pressupondo mecanismos de troca na relação com Deus (5.24-27; 11.13-20).

Em contrapartida aos amigos está o próprio Jó, alguém que sofre sem explicação. Jó é reconhecido na narrativa como homem justo (1.8; 2.3-10b; 42.7). Na literatura de sabedoria, a categoria de “justo” não se refere a quem nunca pecou, mas àquele que, temendo a Deus, busca uma vida descente. Justo e ímpio são dois paradigmas da literatura de sabedoria, como pode ser visto no Salmo 1 e ao longo do livro de Provérbios. Dessa forma, as respostas tradicionais dos amigos de Jó baseadas nas ideias de castigo ou correção não se ajustam à situação de Jó. É aqui que a resposta ao sofrimento em contexto de cuidado pode aumentar o sofrimento.

2. UMA TEOLOGIA QUE CAUSA SOFRIMENTO

Não há forma de compreender o problema do livro de Jó sem compreender a sabedoria tradicional israelita. A sabedoria tradicional postulava, em essência, que o que sobrevém ao ser humano é fruto de sua conduta: o que faz o bem é retribuído com o bem, o que faz o mal, retribuído com o mal. Partindo de pequenas experiências cotidianas, o livro dos Provérbios apresenta essa sabedoria que, apesar de verdadeira, não é totalizante – não representa o todo da experiência humana. A totalização dessa forma de pensar e sua inversão silogística estão na base do problema de Jó: a quem recai o mal, necessariamente é porque fez o mal¹⁵. Em essência está em debate a justiça retributiva de Deus: se ele pune aqui e agora e se todo sofrimento é fruto dessa punição¹⁶. Se assim, e só assim for, não há sofrimento do inocente: ou não é sofrimento ou não é inocente. Essa é a base da discussão do livro, que coloca o personagem Jó, por um lado, em contato com Deus como juiz, no céu, retribuindo (ou não) as más ações humanas e, por outro, como interlocutor de seus amigos: sábios, conforme a sabedoria tradicional, que procuravam dar a Jó uma saída: a confissão de seus pecados.

¹¹ Trata-se de revelações noturnas, como experimentadas por Abraão e Elias (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Um caminho através do sofrimento**: o livro de Jó. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 27).

¹² Cf. SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011, p. 44.

¹³ No discurso de Zofar, a sabedoria divina é incompreensível (Cf. SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011, p. 27).

¹⁴ Elifaz fundamenta seu discurso na revelação, enquanto experiência imediata de Deus (4.12-21). A esse fundamento, Jó responde que tais experiências podem ser aterrorizantes ao invés de consoladoras (7.11-21). Bildade responde a partir da tradição ancestral, aquilo que foi recebido das gerações anteriores como sabedoria. Jó responde que nem os sábios podem resistir diante do poder de Deus (9.2-10). Zofar apela à ideia da insondável sabedoria divina (11.5-12). A ele Jó responde que a sabedoria divina humilha (12.7-25). Assim, os mesmos argumentos usados na defesa de Deus pelos amigos de Jó são tomados por este como acusação.

¹⁵ Cf. MURPHY, R. E. **Jó e Salmos**: encontro e confronto com Deus. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 76-77.

¹⁶ Um debate semelhante está na base de dois oráculos do profeta Malaquias (2.17 - 3.5; 3.13 - 4.3). Curiosamente o livro de Malaquias também está estruturado a partir de diálogos supostos.

A lógica da teologia retributiva pode ser exemplificada na fala de Bildade: “Perverteria Deus o direito ou perverteria o Todo-Poderoso a justiça? Se teus filhos pecaram contra ele, também ele os lançou no poder da sua transgressão” (Jó 8.3-4). Note-se a relação: o sofrimento dos filhos de Jó é apresentado como resultado de supostos pecados dos filhos contra Deus, e essa lógica é entendida como “direito e justiça” divina. É esta teologia que subjaz o pensamento dos amigos de Jó. Logo na primeira resposta de Elifaz deixa explícito que este é o fundamento de seu pensamento. Assim, se Jó está sofrendo, tal sofrimento só pode ser decorrente de algum pecado que lhe seja equivalente:

Lembra-te: acaso, já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam. Com o hálito de Deus perecem; e com o assopro da sua ira se consomem (Jó 4.7-9).¹⁷

Por isso, quando Jó passa a questionar Deus sobre seu sofrimento, os amigos de Jó agem justificando a situação de seu sofrimento a fim de preservar essa imagem divina. Agem, portanto, como advogados de Deus. A postura pode ser vista na fala de Elifaz:

Porventura, será o homem de algum proveito a Deus? Antes, o sábio é só útil a si mesmo. Ou tem o Todo-Poderoso interesse em que sejas justo ou algum lucro em que faças perfeitos os teus caminhos? Ou te repreende pelo teu temor de Deus ou entra contra ti em juízo? Porventura, não é grande a tua malícia, e sem termo, as tuas iniquidades? (22.2-5).¹⁸

A questão que se põe está vinculada às respostas dos amigos de Jó a seu sofrimento, especificamente ao pensamento subjacente a essas respostas, mais do que à postura deles enquanto amigos. Levado essa lógica à risca, vê-se que a preocupação dos amigos de Jó é tão grande que a resposta deles ao sofrimento – arrependa-se e confessa – seria a única solução viável, porque estabelecida e reconhecida na tradição: “Pergunta às gerações passadas e medita na experiência dos antepassados. Somos de ontem não sabemos de nada...” (Jó 8.8-9a). Note-se, portanto, que os amigos de Jó colheram de sua tradição teológica, daquilo que aprenderam dela, sua resposta ao sofrimento. Assim, não poderiam pensar no sofrimento de Jó para além deste paradigma. Sua apreensão da realidade estava presa à forma de pensar aprendida. Considerando o paradigma teológico e da tradição recebido e compartilhado pelos amigos de Jó, eles responderam ao sofrimento de Jó da melhor forma possível. Conforme o sistema de pensamento pré-estabelecido, a sabedoria tradicional, se o sofrimento é causado por pecados, não haveria outra saída para Jó senão a confissão.

Uma vez compreendido que os amigos não lhe queriam mal e que o problema estaria no sistema de pensamento por meio dos quais os amigos de Jó avaliaram sua experiência de sofrimento, é possível perceber o acréscimo de sofrimento a partir do momento em que os amigos, respondendo à quebra do silêncio de Jó, quebram o próprio silêncio. Há de se notar que, diante do sofrimento, os amigos de Jó não estão sob as mesmas condições que ele. A fala daquele que sofre não deve ser avaliada sob as mesmas condições e com a mesma responsabilidade do que as falas dos que lá estão para consolar. As palavras do que sofre, por duras que sejam contra os céus e contra a terra, são consideradas justas, pois suas palavras refletem seu sofrimento.

Jó expressa grande sofrimento ao desejar não ter nascido, conforme o lamento que quebra seu silêncio no capítulo 3¹⁹, e proclama duras palavras contra Deus: “Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas; os terrores de Deus se arregimentam contra mim” (6.4).²⁰ Jó sabe que suas palavras de lamento não são tão pesadas quanto seu próprio sofrimento, e que, pela gravidade deste, é que lamenta: “Oh! Se a minha queixa, de fato, se pesasse,

¹⁷ Este princípio da sabedoria tradicional é denominado “nexo ato-consequência” (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011, p. 26).

¹⁸ “Ao avaliar a situação de Jó, Elifaz incrimina-o de crueldade, violência e opressão, delitos esses que lhe trouxeram desgraças como castigos de Deus” (STADELMANN, Luís. *Itinerário espiritual de Jó*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 101).

¹⁹ É formada pelo lamento contra inimigos, contra Deus e auto-lamento. Em Jó 3, o dia do nascimento apresenta-se como inimigo (WESTERMANN, Claus. *The structure of the book of Job*. Philadelphia: FortressPress, 1981, p. 181-194).

²⁰ “Se Jó não é muito polido com seus amigos, ele o é menos com Deus” (VV.AA. 1983, p.72).

e contra ela, numa balança, se pusesse a minha miséria, esta, na verdade, pesaria mais que a areia dos mares; por isso é que as minhas palavras foram precipitadas” (6.2-3).

Teologicamente, impressiona que, após toda a trajetória de lamento e diálogos com os amigos nas quais duras palavras são ditas contra Deus, o próprio Deus reconhece a justiça de suas palavras em 42.7-8. Há, pois, um juízo diferente sobre as palavras de Jó e as palavras de seus amigos:

Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó, o Senhor disse também a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e ofereci holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.

Em oposição, as palavras de quem lá está para consolar, mas que acrescentam mais sofrimento, são reprovadas. É na percepção de como o sofredor Jó acolhe a tentativa frustrada de consolo de seus amigos que se nota como suas falas lhe acrescentaram sofrimento:

Eu sou irrisão para os meus amigos; eu, que invocava a Deus, e ele me respondia; o justo e o reto servem de irrisão. No pensamento de quem está seguro, há desprezo para o infortúnio, um empurrão para aquele cujos pés já vacilam” (12.4-5).

Em suma, por melhor intenção que tivessem, o sistema de pensamento sobre Deus, isto é, a teologia dos amigos de Jó, ao invés de servir como fundamento do consolo, transformou-se em acréscimo de sofrimento, em crueldade. Por isso, permanecer em silêncio seria mais humano.

3. O SOFRIMENTO DE JÓ

Lendo os discursos dos amigos de Jó é possível compreender três elementos fundamentais. Primeiro, as respostas dos amigos de Jó são determinadas pelo pensamento teológico-sapiencial estabelecido. Segundo, a partir deste sistema de pensamento, de fato eles queriam o bem de Jó. Portanto confessando, Jó teria sua sorte revertida. Por último, essa resposta teológica não correspondia à demanda real de Jó. Jó não reconhece nenhum pecado que acarrete tamanho sofrimento.

Há de se notar que a ruptura com a lógica estabelecida é complexa para o próprio Jó. Em certa medida ele também compactua com o pensamento da justiça retributiva, e exatamente por isso clama por uma explicação divina. Neste sentido, iguala-se aos seus amigos (13.2). Em Jó 13.23, declara a Deus: “Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado”. Ainda mais contundente é sua fala em 10.1-7:

A minha alma tem tédio à minha vida; darei livre curso à minha queixa, falarei com amargura da minha alma. Direi a Deus: Não me condene; faze-me saber por que contendes comigo. Parece-te bem que me oprimas, que rejeites a obra das tuas mãos e favoreças o conselho dos perversos? Tens tu olhos de carne? Acaso, vês tu como vê o homem? São os teus dias como os dias do mortal? Ou são os teus anos como os anos de um homem, para te informares da minha iniquidade e averiguares o meu pecado? Bem sabes tu que eu não sou culpado; todavia, ninguém há que me livre da tua mão.

No capítulo 31, Jó chega ao ápice de desafiar Deus a acusá-lo, que teria uma defesa pronta: “Tomara eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-Poderoso me responda! Que o meu adversário escreva a sua acusação!” (31.35). Jó não vê em si mesmo pecado merecedor a tamanho sofrimento. Também ele não sabe como romper com essa lógica, mas reconhece, em sua experiência pessoal, que ela já não responde ao seu sofrimento.

Neste misto de sofrimento do corpo e do íntimo e angústia teológica, Jó vê a si mesmo como alguém perseguido por Deus. Assim como seus amigos, também ele vê em Deus a fonte de seu sofrimento, ainda que não o reconheça como retribuição por pecados²¹. Aqui tem-se o caráter

²¹ “Tanto Job como sus amigos comparten la misma convicción: el sufrimiento que se há abatido sobre el protagonista viene del Señor. Todo el diálogo se desarrolla sobre la base de esta afirmación, admitida como un postulado indiscutible” (VON RAD, Gerhard. *Sabiduría en Israel*. Madrid: Cristiandad, 1985, p. 266).

propriamente teológico da situação de sofrimento. Uma vez que seu sofrimento não pode ser uma retribuição de Deus, só poderia ser motivado por uma incompreensível crueldade divina. Assim, a seu sofrimento físico é acrescido a angústia teológica: por que Deus lhe persegue? Se Deus decidiu perseguir Jó, o que poderia ser feito?

Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará. Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo. Por isso, me perturbo perante ele; e, quando o considero, temo-o. Deus é quem me fez desmaiar o coração, e o Todo-Poderoso, quem me perturbou, porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto (23.13-17).

Sem compreender e carregado de ironia, Jó se vê como um alvo das flechas divinas. Deus seria um “contabilizador de pecados”, buscando as iniquidades humanas para poder puni-las:

Se pequei, que mal te fiz a ti, ó Espreitor dos homens? Por que fizeste de mim um alvo para ti, para que a mim mesmo me seja pesado? Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade? Pois agora me deitarei no pó; e, se me buscas, já não serei (7.20-21).²²

Perseguido por Deus, Jó se sente também incompreendido por seus consoladores. Vê a si mesmo como motivo de zombaria: “Eu sou irrisão para os meus amigos...” (12.4-5). As palavras de seus amigos, ao invés de confortar e consolar, ferem, principalmente por serem palavras vazias, que não consideram a situação concreta de Jó:

Tenho ouvido muitas coisas como estas; todos vós sois consoladores molestos. Porventura, não terão fim essas palavras de vento? Ou que é que te instiga para responderes assim? Eu também poderia falar como vós falais; se a vossa alma estivesse em lugar da minha, eu poderia dirigir-vos um montão de palavras e menear contra vós outros a minha cabeça; poderia fortalecer-vos com as minhas palavras, e a compaixão dos meus lábios abrandaria a vossa dor. Se eu falar, a minha dor não cessa; se me calar, qual é o meu alívio? (16.2-6).²³

Nas falas de Jó tem-se a expressão do sofrimento teológico e social acrescido ao sofrimento físico e íntimo (cf. Jó 30). As (in-)compreensões que Jó tem de Deus e as falas de seus amigos acrescentam uma camada ao sofrimento existente. Suas perdas e doença são agudizadas por uma teologia que faz de Deus um perseguidor do ser humano, e pela postura dos conselheiros que acrescentam culpa à situação posta. Internamente, a consciência que tem de Deus e, externamente, a culpabilização, fazem aumentar a dor.

Não por sua teologia, mas por sua experiência não condizente com sua teologia Jó foi forçado a pensar diferente. Até então seu sistema de pensamento (teologia) era o mesmo de seus amigos. Foi quando a realidade se opôs à teologia que Jó precisou redirecionar seu pensamento. Jó percebeu que, por vezes, as formas de pensar estabelecidas não respondem às contingências da vida. É de se notar que Jó, por mais que queira, jamais fica sabendo o motivo de seu sofrimento. Nada lhe é revelado quanto ao significado de seu sofrimento, nem mesmo depois de ter sua vida restabelecida.²⁴ O sentido do sofrimento permanece “sem motivo”, inexplicável a Jó.²⁵

²² “Jó experimenta o voltar-se de Deus para ele como uma tortura (...) Seria o vigia do ser humano (v. 20), na verdade, um espreitor do ser humano? Na realidade de Jó, assim é” (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011, p. 43).

²³ Veja-se, ainda, Jó 26.2-4: “Como sabes ajudar ao que não tem força e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento! Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti?”

²⁴ Após os diálogos-debates com os amigos, o leitor é conduzido aos diálogos entre Deus e Jó (38-42), que já foge ao escopo de pensar a ação humana no sofrimento. Mas ainda nesses o sofrimento de Jó fica sem resposta – mesmo quando Jó atinge o céu, mesmo quando fala a Deus – nem Jó nem Deus oferecem a razão do sofrimento. Em última instância, em meio a tantos discursos – de Jó, de seus amigos e de Deus – nenhum deles é capaz de responder ao Jó sofrendor *porque* ele sofre. No sofrimento resta o silêncio.

²⁵ A expressão hebraica “*hinnam*”, traduzida como “sem motivo”, “gratuitamente”, é usada em Jó para colocar dúvida sobre o amor gratuito de Jó a Deus (1.9). O próprio Deus fala de um sofrimento enviado “gratuitamente” (2.3), reconhecido pelo próprio Jó em 9.17. Ironicamente Jó é acusado por Elifaz de espolar os pobres “sem motivo” (22.6). Seu sofrimento é gratuito, sem motivo, e, por isso, permanece sem resposta.

4. UMA PROPOSTA PARA A PASTORAL

Considerando as limitações da ação de consolo e cuidado dos amigos de Jó causadas pelo seu estreito sistema de pensamento teológico e como isso resultou em aumento do sofrimento, pode-se construir, olhando o “avesso”, um caminho de ação pastoral diante do sofrimento humano.

Uma vez que o pensamento subjacente às respostas dos amigos de Jó, ou seja, sua teologia, é fator importante na dinâmica do sofrimento expressa no livro, faz-se necessário pensar no papel da teologia no cuidado, isto é, pensar como as ideias sobre Deus são articuladas diante do sofrimento humano. Neste contexto, a teologia implícita do agente religioso deve ser vista como reflexiva e dialogal. Para tanto, deve considerar o contexto na qual está inserida. A teologia serve como ponto de partida na elaboração de uma resposta-ação ao sofrimento, uma vez que está estabelecida como pré-compreensão da ação. Porém o sistema teológico do agente religioso não deve ser o “ponto de chegada”, isto é, forçar a realidade confrontadora para dentro de seu sistema. Neste sentido, a teologia precisa reconhecer quando atinge um limite em sua compreensão da realidade, precisa estar aberta aos questionamentos que advêm desde a realidade do sofrimento. Em última instância, diante do sofrimento, deve manter seu direito à dúvida, à não-certeza e à reelaboração.

A experiência pessoal do autor C. S. Lewis pode ilustrar essa dinâmica. O autor tem uma obra teológica de elaborada reflexão sobre sofrimento intitulada “O problema do sofrimento”, no qual analisa os pormenores das questões teológicas, antropológicas e mesmo escatológicas envolvendo o sofrimento.²⁶ Porém, por mais elaborada que seja, não encontrou explicação quando do falecimento de sua esposa, expresso em outra obra “A anatomia de uma dor”, que, a despeito do título, expressa apenas sua perplexidade diante do sofrimento:

A dor da perda é um grande vale, um vale sinuoso que a cada curva pode revelar uma paisagem totalmente nova (...) Vez por outra, a surpresa é a curva à frente; você depara exatamente com o mesmo tipo de campo que julgou ter deixado quilômetros atrás...²⁷

Além da teologia implícita, o livro de Jó sugere algumas posturas do agente religioso diante do sofrimento. O cuidador deve saber que, para além das respostas que pode dar ao sofrimento, é sua presença com aquele que sofre que fará diferença. Neste sentido, a presença dos amigos de Jó lamentando durante sete dias e sete noites é uma ação de cuidado, uma vez que viam que sua dor era grande (2.11-13). Há de se notar que, ao longo do livro, Jó está em constante busca de uma presença: Deus.²⁸ Jó clama para que Deus se manifeste (23.2-9), e vê-se como alguém desamparado e atacado pelo próprio Deus. O sofrimento humano revela essa dimensão da falta, da carência, do desamparo. Daí a presença do cuidador ser fundamental.

Uma segunda postura do agente religioso é a escuta. Ter os ouvidos abertos à dor mais do que procurar responder e corrigir as duras palavras de quem sofre é movimento necessário. Ao longo do livro, Jó declara que precisa falar sobre seu sofrimento (7.11; 10.1; 21.2-3) e que seria melhor aos amigos permanecerem quietos (13.5-13; 16.2-3). Jó, portanto, reclama de não ser ouvido (13.6-17). Seus consoladores ouvem superficialmente o que Jó diz, mas não ouvem o que Jó diz como produto de seu sofrimento. Neste sentido, a escuta é uma conversão à dor humana. É entender a dor para além da superfície das palavras de lamento. Essa conversão à dor deve conduzir a compreender a profundidade do sofrimento que leva, em alguns casos, a repudiar a própria vida (3.3,10,13,26; 6.8-13; 10.18-22).

É a partir dessa dor compreendida que a teologia do cuidador deve ser repensada, e não como uma correção às palavras de lamento de quem sofre. A escuta exige que o cuidador se mantenha em

²⁶ LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Vida, 1986. Um dos capítulos transcende essas relações, refletindo sobre o sofrimento dos animais.

²⁷ LEWIS, C. S. **A anatomia de uma dor**. São Paulo: Vida, 2006, p. 77.

²⁸ Note-se a centralidade do tema no título das obras: WANKE, Roger Marcel. **Praesentia Dei**: Die Vorstellungen von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch. Berlin: DeGruyter, 2013 (A presença de Deus: as ideias da presença de Deus no livro de Jó). HEINEM, Karl. **O Deus indisponível**. São Paulo: Paulinas, 1982.

silêncio: calar-se e compadecer ao invés de elaborar discursos nos quais o que sofre não consegue se reconhecer²⁹. Diante da ausência de sentido quanto ao sofrimento, o som que se deve ouvir é dos lamentos, não discursos preestabelecidos que não dão conta da demanda, não equivalem ao real, por mais elaborados que sejam. Nesse vácuo de palavras e discursos abre-se espaço para o silêncio - de quem sofre e silêncio de quem participa e até mesmo de Deus – ressaltando que a “resposta” ao sofrimento alheio deve, por vezes, ser uma solidariedade quieta, que ouça o choro sem querer lhe conferir semântica – e, nesse sentido, o silêncio torna-se em verdadeira teologia.

Por último, o livro de Jó destaca alguns riscos do cuidado pastoral. Devido à piedade pastoral, ao seu amor por Deus, há sempre a tentação de defender Deus em detrimento de quem sofre (13.7-8). Há de ser discernir os lugares no qual a explicação razoável da fé se faz necessária e o sofrimento como lugar da não-explicação. É necessário ao cuidador saber que, ao ouvir o que quem sofre diz, está lidando menos com uma realidade racional e mais com reações emotivas (13.6-11). É preciso avaliar se as palavras ditas assim o foram pelas convicções de quem sofre ou como produto de seu sofrimento.

O segundo risco do agente religioso é oferecer respostas mecanicistas diante do sofrimento. Como os amigos de Jó, por vezes é tentado a explicar o sofrimento “por que é assim que a vida funciona”. Efetua-se, assim, uma redução pragmática de uma realidade complexa que é o sofrimento humano (26.3). No livro de Jó o leitor é convidado a se identificar com a humanidade de Jó e a falta de sentido da experiência do sofrimento. É levado a permitir que experiências de fronteira sejam elementos de questionamento de seu pensamento estabelecido, e a considerar uma dimensão de carência de sentido na realidade humana. Assim, o tema do sofrimento humano deve ser visto, em última instância, como inexplicável: ainda que exija uma “resposta” – movimento comum do espírito humano - essa deveria ser de outra natureza que a elaboração discursiva, a fim de não correr o risco de oferecer respostas simplistas, fundamentados em uma teologia simplista para a complexa experiência do sofrimento.

Terceiro, quando as respostas pré-definidas são mais importantes que o próprio sofrimento, há o risco do afastamento em relação a quem sofre. Ao longo dos diálogos entre Jó e seus amigos, percebem-se níveis de irritabilidade e as acusações contra Jó vão se tornando mais fortes. As defesas da justiça divina vão se convertendo em suposições de que Jó se assemelharia aos perversos (18; 20.4-29; 22.5-11). De uma ação que visa o cuidado, pode-se estabelecer um conflito marcado pelo abandono do interesse em relação ao sofrimento e pela busca constante pela razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jó, literariamente ao mesmo tempo que expressa um Deus soberano, não demonstra as razões que movem essa soberania e, portanto, os motivos do sofrimento são descritos como incompreensíveis ao ser humano. Nesse sentido, o livro conduz a pensar que a soberania de Deus não elimina a experiência de contingência da vida.

Teologicamente, o livro de Jó não responde à pergunta sobre a justiça do sofrimento diante da vida ou de Deus. Isso continua um mistério. Porém o livro de Jó pontua a injustiça de acrescentar-se sofrimento a quem já está sofrendo por meio de discursos teológicos sobre o sofrimento. Assim, o livro de Jó trata do sofrimento como experiência humana.

Neste caso o livro desperta para a responsabilidade dos discursos sobre o sofrimento que fundamentam o cuidado, em âmbito humano, mais do que para a justiça do sofrimento, em âmbito divino. Assim, importa mais refletir sobre o que fazer diante do sofrimento alheio que dar respostas ao mesmo. É neste sentido que uma leitura atenta pode conduzir a uma pastoral que acolha o sofrimento sem querer impor-lhe razão.

²⁹ “O sentimento que se cala e silencia vale mais para quem sofre do que a profusão de palavras de conforto” (HEINEM, 1982, p. 17).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

FESTORAZZI, Franco. Jó e Coélet: crise da sabedoria. In.: FABRIS, Rinaldo (org.). **Problemas e perspectivas das ciências bíblicas.** São Paulo: Loyola, 1993.

GUNNEWEG, Antonius. **Teologia Bíblica do Antigo Testamento.** São Paulo: Loyola e Teológica, 2005.

HABEL, Norman C. **The Book of Job.** Philadelphia: Westminster Press, 1985. (The Old Testament Library).

HARTLEY, John E. **Comentários do Antigo Testamento: Jó.** São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

HEINEM, Karl. **O Deus indisponível.** São Paulo: Paulinas, 1982.

LEWIS, C. S. **A anatomia de uma dor.** São Paulo: Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento.** São Paulo: Vida, 1986.

MURPHY, R. E. **Jó e Salmos: encontro e confronto com Deus.** São Paulo: Paulinas, 1985.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; NASCIMENTO, Lucas Merlo (orgs.). **O livro de Jó: leituras e reflexões.** São Paulo: Recriar, 2021.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Um caminho através do sofrimento: o livro de Jó.** São Paulo: Paulinas, 2011.

STADELMANN, Luís. **Itinerário espiritual de Jó.** São Paulo: Loyola, 1997.

VON RAD, Gerhard. **Sabedoria em Israel.** Madrid: Cristiandad, 1985.

VV.AA. **As raízes da sabedoria.** São Paulo: Paulinas, 1983.

WANKE, Roger Marcel. **Praesentia Dei: Die Vorstellungen von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch.** Berlin: DeGruyter, 2013.

WESTERMANN, Claus. **The structure of the book of Job.** Philadelphia: FortressPress, 1981.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*